

As transformações possíveis no ensino de jornalismo

ROSENAL CALMON ALVES¹ E SONIA VIRGÍNIA MOREIRA²

Resumo

Rosental Calmon Alves é titular da cátedra de Jornalismo Internacional da Fundação Knight Ridder na Universidade do Texas em Austin, nos Estados Unidos. Em dezembro de 1998, ele organizou, no Brasil, dois seminários sobre jornalismo *online* e exerceu uma das atividades que mais preza: criar pontes entre jornalistas e professores de jornalismo para melhorar o ensino na área. Sonia Virgínia Moreira, editora associada de entrevistas da *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, entrevistou-o para esta edição de Diálogos Midialógicos.

Palavras-chave: jornalismo, ensino, profissão

Resumen

Rosental Calmon Alves es catedrático de Periodismo Internacional de la Fundación Knight Ridder en la Universidad de Texas en Austin. En 1998, él ministró en Brasil dos cursos sobre el periodismo *online* y construyó puentes entre periodistas y profesores de periodismo. La conversación siguiente se dirigió por Sonia Virgínia Moreira, editora asociada de la *Revista Brasileña de Ciencias de la Comunicación*.

Palabras-clave: periodismo, educación, profesión

Abstract

Rosental Calmon Alves is the chair of the Knight Ridder Foundation Program in International Journalism at the University of Texas in Austin. In december 1998, he came to Brazil to promote two courses about online journalism and do what he likes best – building bridges between journalists and journalism professors to improve journalism education. The following conversation was conducted by Sonia Virgínia Moreira, interviews associate editor of the *Brazilian Journal of Communication Sciences*.

Keywords: journalism, education, profession

1 Jornalista e professor catedrático da Universidade do Texas em Austin, nos Estados Unidos.

2 Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, doutoranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Sonia V. Moreira – *Rosental, você é um jornalista que passou por várias funções na imprensa: redator da Rádio Jornal do Brasil, editor da Veja, correspondente internacional do Jornal do Brasil e do Globo, editor executivo e diretor do Jornal do Brasil. Em 1995, você rompe essa trajetória de sucesso e começa uma atividade acadêmica na Universidade do Texas. Como isso aconteceu?*

Rosental C. Alves – Um primo meu viu nos classificados da revista *The Economist* um anúncio da Universidade do Texas abrindo uma cátedra em jornalismo internacional. Havia uma coincidência muito grande entre o anúncio e a minha experiência profissional. O fato de eu já ter dado aulas de Jornalismo, o fato de eu ter experiência em América Latina, viajando quase uma década como correspondente na região, tudo colaborou, porque a cátedra previa uma ênfase em estudos latino-americanos. Quase duzentas pessoas responderam ao anúncio e o processo de seleção levou onze meses. O interessante dessa cátedra é que ela é uma *endowment chair*, formada graças à doação de uma fundação - no valor de US\$ 1 milhão - para que a Universidade criasse um programa com determinadas características. Dezenas de universidades nos Estados Unidos se candidataram para sediar essa cátedra e a Universidade do Texas ganhou. Agora são doze as cátedras que a Knight Foundation patrocina, com um dinheiro se perpetua; apenas uma parte dos rendimentos completa o meu salário ou vai para os programas acadêmicos que desenvolvo. Tenho uma verba anual que administro para fazer o meu programa de jornalismo internacional.

Sonia V. Moreira – *Como funciona essa Fundação?*

Rosental C. Alves – O dinheiro é da John S. e James L. Knight Foundation, ligada à segunda maior cadeia de jornais dos Estados Unidos – a Knight Ridder. Em 1998, a cátedra da Universidade de Austin recebeu mais US\$ 500 mil. É que as cátedras criadas mais recentemente tiveram um *endowment* de US\$ 1,5 milhão e a Fundação resolveu começar a equalizar as cátedras. Fiquei feliz que a nossa tenha sido a primeira a receber mais dinheiro. O objetivo deste programa de cátedras em Jornalismo é colocar profissionais da imprensa na academia. A vantagem é que o profissional entra no mais alto ranking da hierarquia universitária, onde seria muito difícil chegar sem o doutorado e sem uma longa carreira acadêmica. Essa é uma característica de todas as Knight *chairs*. O processo de seleção para a última cátedra está acontecendo: será escolhido um profissional na área de jornalismo e negócios (*business*), para trabalhar na Universidade de Columbia em Nova York. Para essa cátedra, 47 universidades se candidataram, porque é uma iniciativa de muito prestígio.

Sonia V. Moreira – *Há outros jornalistas estrangeiros coordenando essas cátedras da Knight Foundation?*

Rosental C. Alves – Eu sou o único estrangeiro entre esses doze, todos os outros são americanos. O mais interessante é que a iniciativa cria um ambiente muito favorável ao profissional experiente para se inserir no

mundo universitário. Estando lá, nessas condições e com a formação que eu tenho – são 30 anos como jornalista profissional – eu tento sempre “puxar um pouco a brasa” para a ligação com o mercado, sem abrir mão de valorizar e dar importância à parte teórica e de pensamento.

Sonia V. Moreira – *No Brasil, uma das críticas mais comuns ao ensino de jornalismo é a distância do mercado de trabalho. Promover contatos com professores e jornalistas brasileiros, facilitados pela cátedra de jornalismo que você coordena na Universidade do Texas, é uma forma de avançar na aproximação escola-empresas de comunicação?*

Rosental C. Alves – Esse quadro brasileiro é muito semelhante ao quadro nos Estados Unidos. Para minha surpresa, encontrei a mesma distância entre a academia e o mercado. A relação às vezes é quase de guerra. De um lado, setores da academia que são mais preocupados com a parte teórica e completamente desconectados do mercado. De outro lado, as empresas e setores acadêmicos voltados ao ensino do jornalismo aplicado. A saída é buscar o equilíbrio. O meu departamento na Universidade do Texas tem feito um grande esforço neste sentido. Gostei de saber que a minha própria contratação foi considerada como parte do desejo de chegar a um equilíbrio entre essas duas forças dentro do departamento. Mas o ensino de Jornalismo nos Estados Unidos é muito diferente do ensino no Brasil. Primeiro, porque existe um sistema de créditos de verdade e não essa farsa que existe aqui, onde o aluno já entra sabendo que tem que fazer todas aquelas disciplinas. Nos Estados Unidos há flexibilidade, muitas opções de matérias para o aluno escolher. A minha campanha atual dentro do departamento é por uma flexibilidade ainda maior do currículo: cada vez mais precisamos dar ao estudante de Jornalismo alternativas para que ele escolha para onde quer caminhar. Na minha Faculdade, apenas 25% das disciplinas que um estudante de Jornalismo faz em quatro anos de universidade são sobre Jornalismo. O restante está aberto a outras áreas ou são cursos oferecidos pelo próprio departamento, mas de outras disciplinas.

Sonia V. Moreira – *No Brasil, o ensino de Comunicação também caminha para uma abertura. Comissão reunida pelo Ministério da Educação está reavaliando o currículo mínimo dos cursos de Comunicação para permitir justamente essa flexibilidade. Mas outra diferença, é bom lembrar, diz respeito à concepção do curso: no Brasil, Jornalismo é uma das habilitações do curso de Comunicação, enquanto nos Estados Unidos o ensino é específico, as escolas são de Jornalismo.*

Rosental C. Alves – Infelizmente, essa especificidade está acabando nos Estados Unidos. Nos últimos anos, várias escolas de Jornalismo se transformaram em escolas de Comunicação. Essa foi a grande derrota do Jornalismo e, na minha opinião, o grande erro, produto justamente do isolamento em que as duas partes – a indústria e a academia – viveram nas últimas décadas. Ao se isolarem, as duas partes praticam esporte similar:

nas empresas, fala-se mal da academia e na academia fala-se mal das empresas. Professores de Jornalismo falam mal de jornalistas e jornalistas falam mal de professores de Jornalismo. Creio que essa distância e esse antagonismo absurdo colaborou para uma recente desvalorização do ensino de Jornalismo e sua gradual substituição pelo ensino de comunicação de massa. Em 1996, o *Freedom Forum* publicou um estudo intitulado *Winds of Change* tratando do assunto. O trabalho é um alerta para o fato de o ensino de Jornalismo estar acabando, ao ponto de alguns departamentos de Jornalismo serem substituídos por departamentos de Comunicação, enquanto as empresas jornalísticas dão sinais divergentes: falam mal mas defendem a manutenção das escolas de Jornalismo. O mesmo estudo indica que 85% dos novos jornalistas contratados têm origem nas escolas de Jornalismo. Para se ter uma idéia da situação nos Estados Unidos, um exemplo: a atual AEJMC (*Association for Education in Journalism and Mass Communication*) chamava-se tradicionalmente AEJ (*Association for Education in Journalism*). A mudança de nome já foi significativa. Mais importante ainda é o que está acontecendo agora: existe uma facção acadêmica que está tentando tirar a palavra "Jornalismo" do nome da associação para transformá-la em AEMC – *Association for Education in Mass Communication*.

Sonia V. Moreira – *A que você atribui essa postura radical de alguns setores da academia?*

Rosental C. Alves – Em parte à convergência dos meios de comunicação neste fim de século. Alguns professores contrários ao ensino profissional identificaram nessa convergência um argumento bom para defender suas posturas anteriores, de tentar minimizar o estudo de Jornalismo e maximizar a chamada ciência da comunicação de massa. "Não formamos jornalistas, formamos comunicadores que podem trabalhar como jornalistas", dizem alguns educadores. É verdade que o ensino tradicional de Jornalismo nos Estados Unidos se especializou muito. Na Universidade do Texas em Austin, ainda existem quatro especializações à disposição dos estudantes de graduação no departamento de Jornalismo: jornal, revista, rádio & TV e estudos de mídia. A mais popular entre os alunos é a especialização em rádio & TV (apesar do nome, o curso é basicamente de telejornalismo, com pouco de rádio). Se não conseguem, vão para jornal, depois revista e, se não conseguirem acesso a nenhum dos três, seguem para estudos de mídia. Eu, particularmente, incentivo muito os alunos para que escolham estudos de mídia, que permite maior flexibilidade e no qual o estudante pode fazer um pouco de cada coisa. Nesse ponto, acredito que o ensino de Jornalismo no Brasil tem um lado positivo em relação ao americano: é menos especializado, já que com um currículo fechado o aluno acaba tendo uma visão de todos os meios. Nos Estados Unidos o aluno pode fazer praticamente o curso todo especializado em alguma coisa – se escolheu jornal, pode passar os quatro anos sem frequentar qualquer cadeira de rádio & TV, por exemplo.

Sonia V. Moreira – *Não existem disciplinas mais flexíveis?*

Rosental C. Alves – A minha cadeira de jornalismo *online* não está ligada a nenhuma dessas seqüências em especial, serve a qualquer uma delas. A verdade é que nesse sistema o aluno tem poucas opções na área de Jornalismo: durante a sua formação, ele pode escolher apenas seis cursos, todos com classes muito pequenas. A única exceção é *Writing for Mass Media* (Redação para meios de massa), que é básico, perpassa todas as seqüências ou especializações e tem classes com mais de 100 alunos. Mesmo assim, as classes são divididas em grupos de 20 alunos, supervisionados por um T.A. (*teaching assistant*) encarregado de acompanhar os trabalhos em laboratório de redação. Todos os alunos se reúnem apenas nos seminários (*lectures*), a cargo do professor titular da disciplina. Nos cursos mais avançados – como o de Reportagem Internacional, que está sob minha responsabilidade – temos um máximo de 15 alunos. Eu tenho tentado reduzir a 12 porque é um curso de redação intensiva, no qual o professor tem que trabalhar muito com o aluno individualmente.

Sonia V. Moreira – *Além do curso de Jornalismo, a Universidade do Texas oferece outras áreas de formação em Comunicação?*

Rosental C. Alves – O *college* (faculdade) da Universidade tem ainda outros três departamentos: Rádio, Televisão e Filme, Publicidade e *Speech Communication and Disorders*. Este último tem uma subdivisão que é mais ligada a Medicina, algo como a fonoaudiologia, mas que fica na nossa faculdade por uma tradição. A especialização em Relações Públicas era até 1997 parte do curso de Jornalismo, mas se separou e hoje ainda funciona ligado diretamente à direção da faculdade, enquanto se transforma num departamento. RP usa professores dos departamentos de Jornalismo e de Publicidade. É interessante notar que isso acontece em um país que não considera a atividade do assessor de imprensa, por exemplo, como trabalho jornalístico. Nos Estados Unidos, você não é jornalista, você está jornalista. O profissional só é jornalista quando está ligado a um veículo de comunicação ou é free-lancer. Assessores de comunicação não são considerados jornalistas, mas relações públicas, ao contrário do que acontece no Brasil. Parece estranho, mas essa é a cultura local.

Sonia V. Moreira – *É evidente que a concepção do ensino nos Estados Unidos é bastante distinta da brasileira. Como profissional de redação, o que mais chamou a sua atenção ao ingressar na vida acadêmica americana?*

Rosental C. Alves – É padrão nas Universidades americanas os Departamentos fazerem uma espécie de “retiro” todos os anos, que pode durar um ou dois dias. Os professores se reúnem em um lugar fora do campus para discutir a situação do Departamento. No meu primeiro ano fiquei encarregado de coordenar a discussão sobre relações com o mercado. Ao apresentar aos membros do Departamento o relato da discussão, iniciei dizendo que eu tinha acabado de descobrir porque fora o escolhido

na disputa pela cátedra. Só pode ter sido, eu disse, graças à minha experiência como correspondente de guerra. Porque existe essa verdadeira guerra entre os doutores e os profissionais, o conflito que eles chamam de *PhDs versus pros* - uma guerra longa, sangrenta, difícil. Minha postura ao chegar foi criticar o isolamento de grupos e sugerir a criação de pontes entre a academia e as empresas jornalísticas.

Sonia V. Moreira – *Nesse ambiente de hostilidades confessadas, qual é o papel e a importância da pesquisa acadêmica de jornalismo nos Estados Unidos?*

Rosental C. Alves - Eu entendo que a pesquisa às vezes é uma peça pequena de um quebra-cabeças gigante. A peça muitas vezes só vai fazer sentido real para um pequeno grupo que está buscando um mesmo mosaico. De uma maneira geral, as empresas não têm o menor respeito pela pesquisa acadêmica porque a maioria desses trabalhos é etérea, completamente fora da realidade. Mas outras pesquisas são absolutamente respeitadas pelos dois lados. A teoria do agenda setting, por exemplo – desenvolvida por Donald Shaw e por um colega de Departamento da Universidade do Texas chamado Max McCombs –, é respeitada pelos jornalistas americanos em geral porque tem a ver com a realidade da profissão. Nesse momento de inquietação, de novos meios, de transformações tecnológicas, nunca a indústria jornalística precisou tanto da pesquisa universitária. Antes, essa mesma indústria se colocava em uma posição arrogante, de uma atividade econômica completamente cristalizada, que se repetia há séculos, enquanto a academia acreditava que devia se dedicar apenas a observar, vigiar e criticar a mídia. Foi assim que se desenvolveu nos Estados Unidos um verdadeiro ódio de lado a lado.

Sonia V. Moreira – *E em relação à sala de aula? Sua maior preocupação também é incentivar o “desarmamento” de espíritos?*

Rosental C. Alves - Desde a minha chegada tenho procurado estabelecer pontes, como disse. Todo semestre, por exemplo, peço aos jornais que organizem seminários de uma manhã ou um dia com seus profissionais e levo meus alunos lá na redação para assistir as palestras. Levar a sala de aula ao jornal vale a pena porque o professor dá ao estudante a oportunidade de conhecer o meio de comunicação, respirar o ambiente da redação, estabelecer contatos para futuros estágios. Outra forma de estabelecer pontes é organizar eventos na Universidade que sirvam de espaço para os profissionais – tanto como painelistas ou como audiência. Em 1998, reuni em um simpósio mais de 20 correspondentes americanos que cobrem América Latina e correspondentes latino-americanos que cobrem os Estados Unidos. O encontro despertou o interesse dos próprios jornalistas da cidade, que foram assistir as palestras. Eu defendo que deva existir por parte da academia maior abertura, para valorizar academicamente o trabalho profissional, jornalístico, de professores de Jornalismo. Com isso quero dizer que se um professor fizer uma série de reportagens boas, de impac-

to, publicadas pela imprensa, e se esse material for de alta qualidade jornalística, avaliado pelos seus pares da academia, deveria ter o valor de publicação de um artigo acadêmico. Isso não existe na Universidade do Texas e minha proposta gerou muita polêmica. Uma das professoras, por exemplo, disse que os jornais publicam muita porcaria. Eu respondi, com muito respeito, que os *journals* (publicações acadêmicas especializadas) também publicam qualquer porcaria. E citei como exemplo o artigo aceito, elogiado e divulgado em um *journal* da área de Física que era deliberadamente uma falsidade, com teorias sem pé nem cabeça, escrito por alguém que queria provar exatamente que veículos desse tipo também publicam coisas sem avaliação de qualidade.

Sonia V. Moreira – *Mas fora da Universidade também existem iniciativas de organizações e grupos dedicados ao estudo e à discussão de temas relacionados ao Jornalismo que desenvolvem trabalhos interessantes de aproximação entre academia e ambiente de trabalho. . .*

Rosental C. Alves - O *Freedom Forum* dá bolsas para professores de Jornalismo passarem o verão ou um semestre inteiro numa redação, paga os salários dos professores para que eles trabalhem durante um período como jornalistas. Isso é muito importante. Porque nos Estados Unidos há professores de Jornalismo que se formaram e ficaram na universidade, lecionando sem nunca terem passado por uma redação. Não tenho nada em particular contra sobre isso, mas é um problema no ensino. Sei que isso também acontece no Brasil, por isso afirmo que os quadros são muito semelhantes nos dois países. O perigo é que, numa situação dessa, corresse o perigo de criar professores de Jornalismo que de certa forma detestam Jornalismo, porque nunca tiveram sucesso na profissão ou sequer tentaram exercê-la. Só isso já cria uma animosidade que é refletida nos alunos, que acabam tendo como iniciadores no Jornalismo pessoas que detestam a atividade. Nesse caso, a base do discurso na aula é: “como é ruim a nossa imprensa”. Fica muito difícil criar um jornalista assim. O outro extremo seria “como é bonita a nossa imprensa, façam exatamente o que eles estão fazendo”. Não é nem um extremo nem o outro. Uma das cadeiras obrigatórias e básicas lá é *Critical thinking* (Pensamento crítico). Essa é a cadeira básica para mostrar que o valor mais importante do Jornalismo é pensar, olhar o Jornalismo de maneira crítica. Mas a formação não pode se resumir a esse tipo de visão crítica da atividade. Em algum momento o curso deve apresentar ao estudante os instrumentos mínimos para ele ir procurar emprego como jornalista. O que não se pode é desenvolver trabalhos teóricos que sejam preconceituosos, comprometidos. Isso seria tão abominável como transformar a faculdade em uma escolinha do Senac. Não é isso que eu defendo. Nunca precisamos tanto de doutores em Jornalismo como precisamos hoje, nestes tempos de incertezas e transformações da mídia. Mas também nunca precisamos tanto de jornalistas na academia. É preciso haver respeito mútuo.

Sonia V. Moreira – *Você também foi professor no Brasil; sabe um pouco como funcionam as nossas faculdades de Comunicação.*

Rosental C. Alves - Durante a minha experiência, que ocorreu há mais de 20 anos, eu via o ensino de Jornalismo bastante dominado pelo ensino de Teoria da Comunicação. Eu acho que são dois cursos diferentes. Eu respeito muito a Teoria da Comunicação, o estudo da comunicação de massa sob o ponto de vista teórico, crítico, sociológico, antropológico, seja qual for a ênfase. É muito importante que a gente tenha isso, mas obrigar um aluno que tem uma ambição muito mais voltada para o mercado do que para a academia a ter o mesmo tipo de formação de quem quer virar um comunicólogo é absurdo. Essa é a impressão que eu tinha com o currículo da minha época. Mesmo como aluno achava isso, mas eu era um aluno especial porque já trabalhava como jornalista quando entrei na faculdade.

Sonia V. Moreira – *Gostaria que você falasse dos projetos que desenvolve e já desenvolveu na cátedra de jornalismo internacional. Você disse que, durante a seleção, contava o conhecimento de América Latina.*

Rosental C. Alves – Isso porque a Universidade do Texas é muito voltada para a América Latina; fica lá um centro de estudos muito grande sobre a região, talvez o maior e o melhor dos Estados Unidos. A minha cátedra é dedicada ao jornalismo internacional com ênfase em América Latina. Eu procuro ser um observador, explicar o jornalismo latino-americano nos Estados Unidos e o jornalismo americano na América Latina. Viajo muito dando cursos e seminários. A minha cátedra é muito livre. Eu participei, por exemplo, de uma pesquisa sobre duas semanas na imprensa da América Latina, com professores de vários países e que foi a reedição de um estudo que a Ciespal realizou em 1962. Produzi também um *paper* sobre jornais de vanguarda democrática na América Latina. Além disso, a cátedra também permite que eu promova visitas de profissionais à universidade e que eu viaje para visitar redações. Mas a minha área de pesquisa em 1998 foi dominada pela Internet. Nos dois anos anteriores, me dediquei mais à área de jornalismo internacional, ao uso de notícias do exterior na imprensa americana. Graças à ampla liberdade de que desfruto, eu pude mudar completamente o rumo da minha pesquisa e do meu ensino e virar um especialista em jornalismo *online*. Também pude dar essa virada graças à flexibilidade que existe no currículo e na universidade lá. Posso criar um curso novo sobre qualquer coisa que eu pensar e o departamento aprovar.

Sonia V. Moreira - *Então você precisa apenas apresentar um projeto ao departamento, receber a aprovação e pronto.*

Rosental C. Alves – Apresentar algo como uma ementa. Uma das disciplinas do currículo é Tópicos em Jornalismo, justamente para poder caber ali qualquer coisa nova. Um outro curso que eu criei do zero também e que ficou muito popular no meu departamento foi o de Jornalismo na América Latina. Os alunos da graduação gostam muito porque é mais um

curso mais sobre a região do que sobre Jornalismo – faça uma análise de cada país: da história, da geografia, da economia, da sociedade e apresento a mídia no contexto que acabo de explicar. Como os alunos não conhecem nada sobre América Latina, virou um curso de introdução aos estudos latino-americanos. Agora mesmo estou preparando um desdobramento desse curso: um seminário para a pós-graduação sobre jornalismo e democracia na América Latina.

Sonia V. Moreira – *Até agora, conversamos mais sobre a sua atuação na graduação e como titular da cátedra você também tem experiência na pós-graduação. O quadro nas universidades americanas também apresenta semelhanças com os cursos das instituições brasileiras?*

Rosental C. Alves – Faço parte de um comitê de pós-graduação, oriento teses, dou cursos individuais de pós, chamados *conference courses*. Nesse comitê defendi a instituição de outro curso de mestrado, com *professional track* (voltado para a profissão), porque a pós-graduação era completamente dominada por disciplinas teóricas, direcionada para estudos de comunicação de massa. Em 98, o Departamento lançou esse mestrado mais ligado à profissão e passou a permitir que em vez de uma tese, por exemplo, o aluno pode fazer o que chamamos de *report* – um relatório mais simples do que uma tese formal, mais voltado para a profissão. Essa abertura é importante porque o departamento recebe um número grande de estudantes que não fizeram a graduação em Jornalismo e querem Jornalismo e não teoria de comunicação de massa.

Sonia V. Moreira – *E esses alunos são, na maioria, jornalistas que procuram a Universidade como fonte de reciclagem?*

Rosental C. Alves – A maioria não. Muitos querem entrar no mercado de Jornalismo, com embasamento maior da área em que pretendem trabalhar. Para arrepio da maioria dos meus colegas, acho que o melhor curso de Jornalismo nos Estados Unidos é o da Columbia, em Nova York. É um curso de mestrado, de apenas um ano, totalmente profissional: o aluno aprende fazendo. É um curso em que o aluno trabalha e avalia intensamente o jornalismo. Aliás, Columbia está ficando cada vez mais forte na área de *online*. *O Globo*, por exemplo, assinou um contrato com a Universidade para mandar, por ano, um grupo de dez repórteres da geral passar uma semana no campus, em um programa feito especialmente para a empresa. Depois de várias tentativas de aproximação com universidades no Rio de Janeiro, *O Globo* acabou se aproximando de uma universidade de Nova York. O mais interessante dessa experiência é que os repórteres que fizeram o curso da Colúmbia se reúne todas as segundas-feiras, quando são dispensados de trabalhar para fazer atividades de formação: recebem palestrantes, participam de eventos no jornal ou desenvolvem projetos.

Sonia V. Moreira – *É um tipo de empreendimento que demonstra preocupação com a capacitação profissional.*

Rosental C. Alves – Com certeza. O *Globo* também tem um curso interno, próprio, um estágio de educação, capacitação profissional. O *Estado de S. Paulo*, a *Folha de S. Paulo*, o *Zero Hora*, têm cursos semelhantes. O *Dia* fez um convênio com uma universidade do Rio para organizar um programa especial também. E voltamos ao que conversamos no início: o isolamento entre academia de um lado e empresa de outro. Por causa disso, as empresas estão tentando reproduzir a academia dentro delas e a academia, com jornais laboratório e outros projetos de estágio, tentam reproduzir o ambiente da empresa dentro dela. No caso das empresas, o maior reconhecimento da importância e da necessidade das faculdades de Jornalismo é a criação dessas mini-faculdades internas dentro dos jornais, na tentativa de tentar suprir as deficiências do ensino de jornalismo. Os meios de comunicação precisam de mão de obra cada vez mais especializada. Por isso, nunca houve momento tão propício para acabar com essa bobagem de definir limites. Devem haver mais jornalistas participando, por exemplo, da Intercom, devemos batalhar por uma maior aproximação entre os dois lados.

Sonia V. Moreira – *Antes de assumir a cátedra de jornalismo internacional na Universidade do Texas, você participou no Brasil de alguma tentativa de aproximação entre empresa e universidade?*

Rosental C. Alves – Sim. Uma experiência um pouco antes de ir embora foi a participação como primeiro coordenador do grupo editorial da ANJ (Associação Nacional de Jornais). Esse grupo foi elaborado na gestão do Jaime Sirotsky mas implantado pelo presidente seguinte, Paulo Cabral, que aderiu de imediato à proposta. O grupo começou com oito e foi ampliado para dez editores, de diferentes regiões do país, e se reunia periodicamente para discutir o que poderia ser feito para melhorar a qualidade do jornalismo em nossas redações. Começamos a organizar simpósios, painéis, seminários, oficinas. O primeiro seminário foi sobre gerenciamento de redações, uma disciplina que geralmente está fora do currículo de Jornalismo no Brasil mas que existe nos cursos americanos, o *media management* ou *newsroom management*. Esse foi o primeiro tema porque descobrimos, entre todos os editores, que tínhamos o mesmo problema: tínhamos nos transformado em gerentes e as nossas empresas estavam cobrando de nós que agíssemos como gerentes e não apenas como jornalistas, desligados do resto da empresa. O jornalista deixou de ser no Brasil uma profissão boêmia, de filósofos e de poetas para se transformar em uma profissão *mauricinho*, de alguém que trabalha em uma corporação. Para o bem ou para o mal, esse é um fato inexorável. O jornalismo brasileiro está atravessando há alguns anos por um processo que eu chamo de corporatização – as empresas jornalísticas estão virando corporações. O próximo passo será a desfamiliarização – as empresas vão ficar cada vez menos familiares e os conglomerados serão cada vez mais concentrados

por uma razão muito simples: nós reproduzimos com certo atraso o que acontece nos Estados Unidos.

Sonia V. Moreira – *E o que você deduz do que conhece e identifica como corporatização do jornalismo no Brasil?*

Rosental C. Alves - Acredito que em um primeiro momento essa corporatização é muito positiva porque foi graças a ela que aconteceu o *Projeto Folha* ou a transformação completa de *O Globo*, que antes tinha uma posição política muito refletida na parte editorial e que hoje tem uma posição editorial independente da posição política. Um exemplo dessa virada de *O Globo* vem dos inúmeros prêmios de excelência que vem ganhando, entre eles por três anos consecutivos ganhou o prêmio Wladimir Herzog de cobertura na área dos direitos humanos. O jornal também publicou o seu código de ética como parte de uma estruturação administrativa, corporativa. Para o jornalismo brasileiro isso é um avanço, comparado com 30 anos atrás, quando o jornalista não pagava Imposto de Renda, tinha desconto de 50% em passagem aérea e em geral possuía um emprego público, onde só ia pegar o salário. Tudo isso era considerado completamente normal. Se consideramos Brasília, por exemplo, vemos que há alguns anos todo jornalista de sucursal trabalhava para o governo e achava que não existia nenhum conflito de interesses. Noções como essa, de conflito de interesse, estão hoje estampadas nos códigos de ética que em alguns casos surgiram como parte de uma maior organização empresarial. Junto com elas também vieram várias chatices para o jornalista, como orçamento, metas de gestão. Então, quando o nosso grupo de editores na ANJ reuniu-se pela primeira vez descobrimos que todos estávamos tendo reuniões com consultores externos de reorganização, implantando controle de qualidade e até duvidosos planos para medir a produtividade jornalística nas redações. Acima de tudo, pairava essa noção de que todo editor é um gerente, que faz parte de uma estrutura administrativa. A redação deixou de ser um lugar completamente isolado do resto da empresa e – para o bem e para o mal – tornou-se integrada. Antes um editor tinha a arrogância de não conversar com os seus pares no marketing. Hoje, na mentalidade corporativa, tornou-se fundamental que certas decisões editoriais, como a criação de novos produtos, sejam integradas com o marketing. Foi assim que, para desespero de alguns críticos no Brasil, a redação absorveu algumas noções do marketing, como a pesquisa de opinião pública.

Sonia V. Moreira – *Agora afastado da redação e exercendo uma atividade acadêmica você tem interesse em aprofundar análises e estudos de alguma área do jornalismo no Brasil?*

Rosental C. Alves - Uma coisa que me interessa no jornalismo brasileiro hoje, e que eu tento estudar um pouco, é como os nossos jornais estão ouvindo os leitores. É um sistema único no mundo inventado pelo *O Globo*, de pesquisa diária sobre o que pensa o leitor. Sei que é um sistema muito criticado internamente por jornalistas mais puristas, mas que na rea-

lidade é uma conseqüência dessa corporatização, que eu acho muito positiva quando feita dentro de limites éticos e de princípios como o de que o editor não pode abrir mão do seu papel e apenas seguir os gostos dos leitores, supostamente descobertos pelas pesquisas. As pesquisas com os leitores de *O Globo*, por exemplo, mostram que eles não querem manchetes de economia e de política, mas 40% das manchetes do jornal são de política e 40% de economia me dizem os editores de lá. O editor sabe que aquilo é importante para o leitor e publica mesmo sabendo o que o leitor pensa. Uma das noções utilizadas e abusadas e até ridicularizadas é a do processo de reengenharia, que se resumia ao seguinte: se uma empresa colocou máquinas novas no sistema de produção, deve readaptar o sistema de produção para utilizar essas máquinas da forma mais eficiente possível. Aplicados à redação, princípios como esse geraram o sistema de ouvir os leitores diariamente. Esse caso é interessante porque a criação desse tipo de pesquisa só foi possível graças à colaboração entre a redação e as outras gerências – financeira, de marketing, de recursos humanos. Todos esses são fenômenos que a academia devia estar estudando: a palavra carreira pode ter uma conotação pejorativa, de carrerista, mas em todo sistema de produção há uma evolução interna. Os jornais estão se organizando para pensar isso, para manter os funcionários.

Sonia V. Moreira – *Insistindo um pouco nas suas atividades como titular da cátedra da Fundação Knight, quais são os seus projetos a curto e a médio prazo?*

Rosental C. Alves – Este ano estou envolvido com uma conferência que o Prof. José Marques de Melo promoveu em 97 – o I Colóquio Nafta-Mercosul de Comunicação. Naquela mesma época, eu e a diretora da minha faculdade nos oferecemos para realizar o II Colóquio em Austin, que vai acontecer dias 1º e 2 de junho, logo depois do encontro anual da I.C.A. (*International Communication Association*), marcado para o final de maio de 99 em São Francisco, na Califórnia. Nossa idéia é organizar painéis que tratem do desenvolvimento das comunicações nas duas áreas e sobretudo o reflexo desses acordos de comércio na área cultural, especialmente na área de comunicação social. Esse é um dos projetos para 1999. Também pretendo repetir um simpósio que organizei em 97 chamado *Covering the Americas*, desta vez voltado para o setor de negócios: como a imprensa americana e a latino-americana estão fazendo a cobertura recíproca na área de jornalismo econômico. Além disso, continuo com o meu projeto na área de jornalismo *online*: devo criar um curso de pós-graduação nessa área e entregar a graduação para outro professor.

Sonia V. Moreira – *Como você avalia a experiência acumulada até agora no exercício da sua cátedra nos Estados Unidos?*

Rosental C. Alves – A coisa mais importante é que eu, que tenho apenas o bacharelado (sou formado pela Escola de Comunicação da UFRJ), entrei na Universidade do Texas – uma das maiores e melhores dos Esta-

dos Unidos – na posição de professor titular e administrando uma cátedra. É o melhor dos mundos para um professor, tendo o grau de liberdade de ação que a cátedra permite e com algum dinheiro para gastar em projetos do meu interesse acadêmico. Mesmo assim eu procuro publicar sempre, como o capítulo sobre comunicação internacional em um volume editado pela Universidade de Washington ou o *paper* sobre jornalismo e democracia na América Latina, que fiz para a I.C.A. e que agora estou pensando transformar em livro. Também descobri que o material que levantei em um ano de pesquisa sobre jornalismo *online* é importante, não existe nada sistematizado assim sobre o assunto, por isso estou pensando em colocar o curso no papel, ou melhor, *online*, sem papel.

Sonia V. Moreira – *Com base em tudo o que você disse, penso que a palavra que expressa o momento pelo qual atravessa o ensino e a profissão de Jornalismo é convergência – entre profissionais e acadêmicos e entre os meios de comunicação.*

Rosental C. Alves – Essa é a convergência que deveria estar acontecendo. Estamos vivendo um momento de transição. Nesta passagem pelo Brasil fui jantar com um amigo jornalista e comecei a falar de jornalismo *online*, Internet. Ele me respondeu que tudo isso era uma bobagem sem importância, era apenas um novo recurso tecnológico que não despertava o menor interesse da sua parte. Tenho vários outros colegas jornalistas no Brasil e nos Estados Unidos que pensam exatamente assim. Ora, isso é muito importante porque reflete a atitude de profissionais que estão na atividade mas em total desconexão com o que está acontecendo. Estamos na porta de entrada da sociedade de informação, iniciando a era da revolução digital. Pode haver ceticismo, mas não deveria haver negação da realidade. Há mil histórias de negação da realidade em épocas similares no passado. Quando Graham Bell inventou o telefone nos Estados Unidos, como era um aparelho para falar à distância, o Real Correio Britânico mandou uma missão para estudar o novo invento, que poderia substituir a carta. Ao retornar, o relatório dos membros da missão afirmava que aquela invenção não tinha o menor futuro porque ninguém em sã consciência na Inglaterra deixaria de escrever uma carta com a certeza de que seria entregue pelo eficiente correio britânico e de que não haveria problemas de mal entendido porque estava escrito, enquanto naquele invento mal se podia ouvir a pessoa falando.

Sonia V. Moreira – *Então deduz-se que tanto a academia como os jornalistas precisam de informação sobre o que está acontecendo?*

Rosental C. Alves – Claro, é o básico. Ainda mais agora que as coisas acontecem numa velocidade inédita. Nesse campo da comunicação mediada por computador, existe todo um campo novo que precisa ser acompanhado e estudado. A revista *Editors & Publishers*, há alguns anos atrás, publicava toda semana os títulos de *papers* acadêmicos sobre jornalismo, mas deixou de publicar porque a listagem virou piada, os títulos

eram completamente desconectados da realidade, não faziam sentido. Com tanta coisa acontecendo na indústria, tanta coisa a estudar... Por isso repetito: pode ser até que a indústria brasileira não saiba ou não diga isso, mas ela nunca precisou tanto de doutores em Jornalismo ou em Comunicação, que analisassem esses fenômenos, vendo de uma maneira crítica o que está acontecendo. Não estou dizendo que se deva abrir mão da isenção, ao contrário. O limite ético são os acadêmicos que se colocam, pois eles devem lutar não só pela liberdade como pelos princípios éticos.

Sonia V. Moreira – *Mas no Brasil é muito difícil para um acadêmico produzir estudos a partir de uma demanda da indústria. Aqui não temos fundações como a que patrocina a sua cátedra nem o costume, muito comum nos Estados Unidos, de constituição de bolsas permanentes a partir da doação de alguém ou de uma família para uma universidade ou curso, medidas que permitem esse tipo de pesquisa dirigida.*

Rosental C. Alves – Eu acho que o exemplo da criação de cátedras pela Knight Foundation, a partir de uma doação, deveria ser avaliado. Ainda mais agora que as faculdades particulares estão se proliferando de uma maneira mais organizada depois do Provão e as universidades públicas estão se abrindo mais para doações. É um modelo que deveria ser estudado, analisado. É uma forma de criar fundos para a universidade, uma espécie de patrocínio eterno, já que o programa, a bolsa, leva o nome de alguém ou de uma empresa. Nos Estados Unidos já se discute inclusive o abuso por parte de algumas empresas, que fazem a doação e usam-na como uma espécie de *merchandising*, já que o nome da cátedra fica ligado ao nome da empresa para o resto da vida. É importante criar fundações ligadas à área de comunicação. Nos Estados Unidos, as duas maiores fundações - a Knight Foundation e o *Freedom Forum* – têm dezenas de programas para jornalistas americanos e estrangeiros. Quantas empresas jornalísticas no Brasil são ricas e fortes o suficiente para criar programas de estudo e pesquisa junto com as universidades? Acredito que falem iniciativas: da academia em demonstrar interesse nesse tipo de parceria e da indústria em procurar desenvolver programas de pesquisa nas universidades.

Sonia V. Moreira – *Para finalizar, qual é a sua opinião sobre as formas de avaliação existentes para professores e alunos nas universidades americanas e qual seria a sua sugestão para o caso brasileiro?*

Rosental C. Alves – Nos Estados Unidos, um dos fatores que pesam mais no registro da performance dos professores é a avaliação deles feita pelos alunos. É uma coisa muito séria, feita no final de cada semestre, de forma anônima e controlada em cada sala de aula por um aluno. É um momento de muita ansiedade porque alunos e professores recebem e dão notas. Quando era professor no Brasil, gostaria de ter sido avaliado a cada fim de ano pelos alunos. Uma das vantagens é que ao criticar os alunos acabam dando dicas de como o professor pode melhorar no semestre se-

guinte. Lá também existe uma avaliação de cada professor pelos seus pares. Finalmente, há uma avaliação, a cada três ou cinco anos, do departamento: é um processo voluntário, não-governamental, feito por um conselho ligado à AEJMC. Um comitê de professores, diretores e jornalistas profissionais verificam in loco se estava certa a auto-avaliação que a faculdade encaminha previamente. O comitê passa uma semana no campus vendo como funcionam os cursos. A primeira universidade estrangeira a se submeter a esse processo está sendo a Universidade Católica do Chile, que transformou completamente o seu currículo para atender às demandas básicas da AEJMC e está a ponto de ser aprovada. No Brasil, a Intercom, por exemplo, poderia fazer parte desse papel como forma de conferir, digamos, um “selo de qualidade” aos cursos de Comunicação brasileiros. Se as próprias universidades criarem esse sistema democrático, aberto, talvez o próprio Ministério da Educação não se sinta na obrigação de fazer intervenções do tipo do Provão.

Quem é Rosental Calmon Alves



Rosental Calmon Alves

Jornalista atuante desde os 16 anos, Rosental Calmon Alves graduou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e foi o primeiro brasileiro a receber o Neimann Fellowship para passar um ano acadêmico nos Estados Unidos (1987-88), na Universidade de Harvard. Lecionou jornalismo durante 7 anos na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Gama Filho, começando com a idade de 21 anos.

Por uma década, Rosental foi correspondente internacional do *Jornal do Brasil*, baseado na Espanha, México, Argentina e Estados Unidos. Sua atuação como jornalista profissional no Brasil - redator da Rádio Jornal do Brasil, editor da *Veja*, correspondente internacional de *O Globo*, editor executivo e diretor do *Jornal do Brasil* - desenvolveu-se ao longo de 27 anos, até começar a sua carreira acadêmica nos Estados Unidos, em março de 1996, como titular da cátedra de Jornalismo Internacional da Fundação Knight Ridder, do Departamento de Jornalismo da Universidade do Texas, em Austin.

Rosental Calmon Alves foi escolhido entre aproximadamente 200 candidatos para ser o primeiro detentor da cadeira, criada com a doação de US\$ 1 milhão pela James L. and John S. Knight Foundation, ligada à segunda maior cadeira de jornais dos Estados Unidos - a Knight Ridder. As doações foram atribuídas a apenas 11 universidades do país, cada uma com uma especialização em jornalismo. Recentemente, o Departamento recebeu um suplemento de US\$ 500,000.

Rosental é também o coordenador da Divisão de Comunicação Internacional da Association for Education in Journalism and Mass Communication (AEJMC). Em dezembro de 1998, quando esteve no Brasil organizando dois seminários sobre jornalismo online, Sonia Virgínia Moreira, editora associada de entrevistas da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, entrevistou-o para esta edição de Diálogos Midualógicos.